

# FLORESTAN FERNANDES E A CONSOLIDAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL – DA ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA À CIÊNCIA POLÍTICA

Thiago Pereira da Silva Mazucato<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do século XX a Europa e os Estados Unidos vivenciaram o surgimento de diversas ciências que se tornavam paulatinamente independentes da Filosofia. Com as contribuições essenciais de Karl Marx, Auguste Comte, Émile Durkheim e Max Weber (aos quais poderíamos somar tantos outros) a Sociologia emergia no cenário intelectual internacional ganhando espaço não apenas nas discussões e publicações mas também dentro das universidades com a inclusão de cadeiras específicas de sociologia dentro dos cursos superiores.

Entre 1917 e 1920 a Europa perdia, respectivamente, Durkheim e Weber, dois dos grandes fundadores da Sociologia. Um sinal de que esta nova ciência estava ganhando corpo pôde ser observado pouco mais de uma década após estes fatos, por exemplo, quando surgiram no Brasil os primeiros cursos superiores de Ciências Sociais: em 1933 e 1934 no estado de São Paulo foram fundados os dois primeiros (respectivamente na Escola Livre de Sociologia e Política e na Universidade de São Paulo), e, em 1935 no estado do Rio de Janeiro (então capital federal) foi fundado o terceiro curso de Ciências Sociais no Brasil. Coincidindo com um período em que o país vivenciava um regime político fechado, a instauração destes cursos fez com que vários especialistas internacionais viessem para o Brasil participar deste momento fundacional das Ciências Sociais na condição de mestres que teriam a missão de formar as primeiras turmas de estudantes nacionais desta especialidade.

Seguindo um curso bastante parecido com o que ocorrera na Europa e nos Estados Unidos, a consolidação das Ciências Sociais no Brasil passara por um processo que poderia ser denominado como sendo de *constituição e delimitação do campo científico* ou ainda de *delimitação de um circuito-perito*<sup>2</sup>, socialmente legitimado para falar em nome da especialidade da qual eram os porta-vozes e dominando um repertório técnico que o distinguia dos demais indivíduos. Estes intelectuais europeus e norte-americanos estiveram no Brasil principalmente durante o período ditatorial em que o país fora comandado por Getúlio Vargas (1930-1945). De

---

<sup>1</sup> Departamento de Ciências Sociais (UFSCar) e mestrando em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPOL-UFSCar), sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Alves Cepêda, com apoio da CAPES, e-mail: t.mazuca@gmail.com

<sup>2</sup> A este respeito Cf. Bourdieu (1983) e Giddens (1991)

acordo com Cândido (2006) concomitantemente à formação intelectual, os cursos de Ciências Sociais formavam também uma *massa crítica* capaz de analisar a conjuntura política, econômica, cultural e social do país, e que já trazia consigo a marca da tradição brasileira de pensamento social que remontava ao final do século XIX com as reflexões de Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, dentre tantos outros. Chacon (1977) aponta uma característica do período que antecedeu à consolidação das Ciências Sociais no Brasil (este ocorreria somente nos anos 1950, com o protagonismo de Florestan Fernandes) indicando a existência de *escolas* de pensamento dispersas pelo país, vinculando-as a determinadas *linhagens* ou *famílias* de pensamento (marxismo, weberianismo, positivismo, pensamento jurídico, etc.). Até este momento as disciplinas de Ciências Sociais estavam vinculadas principalmente a cursos de Direito, de Filosofia e de Economia. Villas Bôas (2006) destaca o papel exercido pela recepção e circulação do pensamento alemão neste momento de constituição e consolidação das Ciências Sociais no Brasil, em particular a partir de 1933 (com a expulsão de pensadores da Alemanha pelo regime nazista).

Apontaremos algumas vinculações do período de fundação das Ciências Sociais no Brasil (anos 1930, principalmente com a presença de professores estrangeiros na formação das primeiras turmas) com o período posterior, dos anos 1950, em que estas mesmas ciências passarão por um processo de consolidação e legitimação, e encontrarão uma síntese na produção teórica e na atuação acadêmica de Florestan Fernandes, com o intuito de demonstrar as bases dos movimentos e deslocamentos temáticos, teóricos e políticos de Florestan entre os anos 1950 e 1975.

## **O PERÍODO DE LEGITIMAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (ANOS 1950)**

No momento em que o país assistira ao fim da era ditatorial de Vargas e à reabertura do regime político em 1945 também começaram a se formar os primeiros doutores em Ciências Sociais no Brasil. Antônio Cândido e Florestan Fernandes seriam os principais expoentes formados na USP, sendo que este último também passara pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e manteria com ambas as instituições relações estreitas ao longo das próximas duas décadas. Os principais temas escolhidos por Florestan como objeto de pesquisa e análise acompanham os dilemas de sua época em relação à função social da ciência e ao papel do intelectual:

Observada a produção cultural dos anos 50 e 60, a obra de Florestan surge como uma espécie de fio condutor, por trazer sempre ativa – dado essencial de sua postura – a preocupação com o papel do intelectual numa sociedade em mudança. Através de seus escritos sobre o tema, pode-se perceber traços da curva de um processo de tomada de consciência: numa era de reformismo desenvolvimentista (a cujas seduções não cedeu), em que luta não só na campanha pela Escola Pública, mas – sobretudo – pela implantação de novos padrões de trabalho científico (data-base: 1958); em que analisa as opções do cientista social numa era de revolução social (data-base: 1960); em que diagnostica a

Uma vez que as Ciências Sociais, em particular a Sociologia (Ianni, 1996; Martins, 1996) e a Antropologia (Oliveira, 1996), já estavam de certa forma consolidadas no Brasil, Florestan Fernandes seria o responsável pelo passo seguinte. Buscando construir uma legitimidade para os cientistas sociais, Florestan apoia-se num certo *espírito cientificista*, criticando a produção teórica em Sociologia e Antropologia feita nas décadas anteriores no Brasil, classificando-as como *ensaístas*, e sustenta a necessidade de fundar em bases mais solidamente científicas (empíricas, teóricas e metodológicas) as Ciências Sociais. A este respeito Florestan faz algumas críticas aos trabalhos das décadas anteriores e sustenta a necessidade de utilizar os paradigmas produzidos na Europa e nos Estados Unidos com mais *criatividade* pelos cientistas sociais brasileiros, adaptando-os no que fosse possível à realidade nacional e avançando a partir daí:

Eles aparecem distantes, são homens do século XIX ou do início do século XX, mas eles estão presentes porque são correntes fundamentais dentro da sociologia e que oferecem recursos para abrir um campo. Na situação brasileira não se tratava de procurar, vamos supor, a linha dominante em Chicago e transferir para cá. O importante era apanhar dentro da herança cultural da sociologia uma base sólida para depois levantar aqui possibilidades de trabalho, explorando as técnicas de investigação, os métodos lógicos, de acordo com nossas possibilidades e com nossos recursos intelectuais. Então foi isso que eu tentei fazer. (FERNANDES, 1981, p. 112)

Contudo havia ainda um obstáculo a ser superado para se alcançar este objetivo: seria necessário produzir no próprio país uma literatura científica especializada. Simone Meucci (2001) relata a importância desta literatura para a constituição de um novo campo científico, que em seu tipo mais puro cristaliza-se na forma de “manuais introdutórios”. Muitas e concomitantes são as funções exercidas por tais manuais: delimitar cientificamente o campo de estudo (principalmente o objeto e o método), legitimar algumas interpretações teóricas em detrimento de outras e, por fim, criar um *mainstream* de cientistas que passam a ser considerados como referência para os novos estudantes destas especialidades.

Podemos situar os manuais de sociologia elaborados por Florestan exatamente nesta perspectiva. Ao iniciar a sua trajetória intelectual próximo a Donald Pierson, Herbert Baldus, Emilio Willems, Fernando de Azevedo e, principalmente, de Roger Bastide, Florestan Fernandes desenvolvera trabalhos nos anos 1940 e 1950<sup>3</sup> que se tornaram referência em Antropologia. No final dos anos 1950 até o início dos anos 1970 Florestan se engajará mais diretamente (já vinculado ao corpo docente da USP)

---

<sup>3</sup> São deste período as obras *A Organização Social dos Tupinambá* (1949); *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá* (1970b), originalmente publicado em 1952; e *A Etnologia e a Sociologia no Brasil* (1958).

nas pesquisas sobre relações raciais no Brasil, cujos resultados transformar-se-ão em obras de referência para a Sociologia brasileira<sup>4</sup>. Num período posterior, principalmente nos anos se iniciam em 1960 e vão até meados de 1970 publicará uma série de trabalhos que tanto consolidarão a sua própria trajetória de sociólogo quanto o situarão no campo da Ciência Política<sup>5</sup> (Arruda, 1996) e que também constituirão as linhas que caracterizarão a sua identificação com o marxismo e a sua militância política (Lahuerta, 2005). Por ter transitado nestas três áreas Florestan Fernandes pode ser considerado como um dos grandes responsáveis pela consolidação e legitimação das Ciências Sociais no Brasil.

Nos anos 1950 Florestan estava bastante preocupado com esta tarefa, o que se evidencia pela grande quantidade de artigos seus presentes em revistas e congressos de circulação e repercussão nacional e que serão reunidos e publicados em 1959 no manual *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. No ano seguinte uma nova publicação vem à tona, *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*, trazendo também uma coletânea de artigos escritos nos anos anteriores. Os trabalhos metodológicos produzidos nos anos 1960 serão, por sua vez, reunidos e publicados em 1970 em *Elementos de Sociologia Teórica*. Percebemos com isto que a preocupação de Florestan com a consolidação e a legitimação das Ciências Sociais perpassa por todas as outras *fases* ou *momentos* de sua produção teórica.

Se voltarmos nossas atenções para estes manuais, em particular para os dois últimos, poderemos fotografar um movimento desenvolvido por Florestan para delimitar o campo, selecionar autores e teorias e estabelecer um *mainstream*. Serão justamente nestes manuais que Florestan fará uma série de discussões com a produção teórica das ciências sociais brasileiras do final do século XIX até meados dos anos 1930, e que cristalizará e sintetizará a sua crítica ao *ensaísmo* com uma dose (considerada por muitos como exagerada) de *cientificismo* teórico e metodológico. Estas discussões encontraram uma síntese teórica, metodológica e de orientação política do intelectual em meados da década de 1970 com a publicação de “*A Revolução Burguesa no Brasil*”.

## **A CONSTITUIÇÃO DO MAINSTREAM E A CIRCULAÇÃO DE PENSADORES INTERNACIONAIS NO BRASIL**

---

<sup>4</sup> Datam deste período as obras *Branco e Negro em São Paulo* (1971), originalmente publicado em 1959; *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (2008), originalmente publicado em 1964; e *O Negro no Mundo dos Brancos* (2007), originalmente publicado em 1972.

<sup>5</sup> Neste sentido podemos citar as obras *Mudanças Sociais no Brasil* (1960); *A Sociologia Numa Era de Revolução Social* (1976b), originalmente publicado em 1962; *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento* (1968); *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina* (2009), originalmente publicado em 1973; e *A Revolução Burguesa no Brasil* (2005), originalmente publicado em 1975.

Feitas as observações sobre o papel e a importância de Florestan Fernandes na consolidação e legitimação das Ciências Sociais no país torna-se interessante compreender a forma como o mesmo conduziu estes movimentos através da delimitação de um *mainstream* nos manuais de sociologia que mencionamos anteriormente, especificamente em *Ensaio de Sociologia Geral* (que denominaremos *Ensaio*) e em *Elementos de Sociologia Teórica* (que denominaremos *Elementos*). Publicados respectivamente em 1960 e 1970 cada um representa uma síntese da circulação de autores internacionais no Brasil na década que antecede às suas publicações.

Nos *Ensaio* notamos o interesse de Florestan, durante os anos 1950, em realizar um diálogo da sociologia com outras áreas do saber, principalmente através das incipientes sociologias aplicadas. A legitimação social das ciências sociais poderia ser conquistada pela via da planificação social, da intervenção do intelectual na sociedade. Neste sentido notamos os primeiros ecos da presença de Karl Mannheim em sua obra, que também pode ser constatada pela presença de um capítulo cujo título é ilustrativo: *As Publicações Póstumas de K. Mannheim*. Muitos são os autores mencionados e citados por Florestan mas já é possível identificar o predomínio de Karl Marx e de Karl Mannheim. Nesta obra existe ainda um *Repertório Bibliográfico* em que se mostra de modo bastante evidente quais seriam os principais autores das Ciências Sociais e suas respectivas obras. Sobre a recepção e circulação de autores estrangeiros o próprio Florestan (1978, pp. 19-20) diz que:

Mannheim, em particular, foi muito importante (...) De qualquer maneira, porém, através das pistas que ele abre em *Ideologia e Utopia*, *Homem e Sociedade em uma Época de Transição* e em outros livros eu podia ligar os estudantes às grandes correntes da sociologia clássica e ao que se estava fazendo graças à pesquisa empírica na psicologia social e na sociologia moderna nos Estados Unidos e na Europa. (...) ele me permitia abrir o caminho para a compreensão dos grandes temas sociológicos do presente, para a crítica do pensamento conservador, para os problemas da sociologia do conhecimento e para a natureza ou as consequências do planejamento democrático e experimental. Em especial, Mannheim permitia se tomar a contribuição de Weber e de vários autores alemães de uma maneira um pouco mais rigorosa e, inclusive, punha a contribuição de Marx à sociologia dentro de uma escala mais imaginativa e criadora. (...) De modo que Mannheim teve uma importância muito grande para mim nesse período, em que eu tentava descobrir o meu próprio caminho.

Por sua vez nos *Elementos* notamos a mesma intenção, durante os anos 1960, de delimitar o campo e consolidar um *mainstream* para as Ciências Sociais. Todavia podemos observar uma inversão na prioridade dos autores considerados essenciais por Florestan Fernandes. Aqui Karl Mannheim desponta como o autor mais mencionado e citado na obra<sup>6</sup>. Isto pode ser considerado um reflexo das inflexões de Florestan em

---

<sup>6</sup> Para compreendermos a dimensão desta inversão basta verificar que Karl Mannheim foi citado 114 vezes, seguido por Durkheim que foi citado 53 vezes. Karl Marx foi citado 19 vezes e Max Weber apenas 12

sua produção teórica dos anos 1960, na qual tentava compreender as transformações que vinham ocorrendo na sociedade brasileira e seus impactos econômicos e políticos. Mais de um quinto desta obra é preenchido com um capítulo intitulado *A Concepção de Ciência Política de K. Mannheim*. A proeminência de Mannheim é constatada por Ianni (1986, p. 19):

O diálogo contínuo, aberto e crítico desenvolve-se com os principais sociólogos, ou cientistas sociais, que apresentam alguma produção para a pesquisa e a interpretação da realidade social. Aí estão representantes notáveis das escolas francesa, alemã, inglesa e norte-americana, como por exemplo: Comte, Durkheim, Le Play, Simiand, Mauss, Gurvitch e Bastide; Weber, Sombart, Pareto, Simmel, Tönnies, Wiese, Freyer e Mannheim; Spencer, Hobhouse, Malinowski, Radcliffe-Brown e Ginsberg; Cooley, Giddings, Park, Burgess, Parsons, Merton e Wright Mills. Esses são alguns dos clássicos e modernos que se encontram no horizonte intelectual de Florestan Fernandes, pelas sugestões, desafios, temas, teorias e controvérsias que apresentam e provocam. Dentre todos, sobressai Mannheim.

O momento desenvolvimentista experimentado na política nacional brasileira, que se iniciara nos anos 1930 e se intensificara no período democrático de 1945 a 1964, favorecia a recepção em nosso cenário intelectual de autores como Mannheim, com suas teses sobre a *intelligentsia* e o *planejamento democrático*. Florestan não era o único a se interessar pelas teses de Mannheim, o que pode ser verificado pela recepção deste mesmo pensador na obra de Celso Furtado (Lima, 2008; Cepêda, 2012) e o mesmo movimento pode ser constatado neste período na Argentina com a recepção das teses de Mannheim em Gino Germani (Blanco, 2009).

Por sua vez o *momento* da produção intelectual de Florestan da década de 1960 até meados da década seguinte começa a se modificar através de um protagonismo cada vez maior das teses marxistas e reflete a introdução de temas fortes da Ciência Política em sua obra, que tem em *A Revolução Burguesa no Brasil* (1975)<sup>7</sup> um excelente exemplo. O próprio título traz o termo *revolução* que pode ser considerado como pertencendo ao vocabulário duro da Ciência Política. A natureza do *Estado* e as disputas *ideológicas* e *utópicas* da burguesia, somados aos conceitos de *dominação*, *imperialismo*, *autoritarismo*, *totalitarismo*, *autocracia* e *democracia*, dentre tantos outros que poderiam ser aqui mencionados, servem para ilustrar que as preocupações e discussões de Florestan nesta obra transcendem a dimensão histórica e sociológica, alcançando com grande intensidade as áreas da Economia e da Ciência Política. Como exemplo, Florestan diz que a *dominação burguesa*:

(...) visa preservar, alargar e unificar os controles diretos e indiretos da máquina do Estado pelas classes burguesas, de maneira a elevar ao máximo a fluidez entre o poder político estatal e a própria dominação burguesa, bem como a infundir ao poder burguês a máxima

---

vezes. Fonte: levantamento de dados realizado pelo próprio autor no referido manual de Florestan Fernandes.

<sup>7</sup> Neste estudo utilizamos a edição de 2005 publicada pela Editora Globo.

eficácia política, dando-lhe uma base institucional de autoafirmação, de auto-defesa e de autoirradiação de natureza coativa e de alcance nacional. (FERNANDES, 2005, p. 354)

Ao que ele próprio complementa, um pouco adiante, ao falar sobre a proeminência do *Estado*:

Portanto, o Estado nacional não é uma peça contingente ou secundária desse padrão de dominação burguesa. Ele está no cerne de sua existência e só ele, de fato, pode abrir às classes burguesas o áspero caminho de uma revolução nacional, tolhida e prolongada pelas contradições do capitalismo dependente e do subdesenvolvimento. (FERNANDES, 2005, p. 358)

Assim percebemos um duplo deslocamento na agenda de pesquisa de Florestan Fernandes no período de 1950 a 1975. Por um lado ocorre um deslocamento temático, cujos principais eixos vão atravessando a Antropologia e Sociologia e chegam ao núcleo da Ciência Política. Por outro lado percebemos um deslocamento em seu posicionamento político ao situar o papel do intelectual, que vai de uma atuação mais neutra em sua fase *cientificista* inicial nos anos 1950 até o que Gildo Marçal Brandão (2007, 172) denomina como “um programa de pesquisa à esquerda” que caracteriza sua fase mais próxima dos anos 1970.

## CONCLUSÃO

Não devemos perder de vista que para além de todo o desenvolvimento teórico de Florestan e também de sua preocupação com a consolidação e legitimação das Ciências Sociais havia na base disso tudo uma tentativa de articular a Universidade e a Ciência com os processos políticos reais, seja através do esforço para influenciar as decisões governamentais, seja através da intervenção direta do intelectual na sociedade. Para ilustrar esta situação bastaria citar como exemplo a Campanha pela Escola Pública na década de 1950 e a Campanha pelas Diretrizes e Bases da Educação Nacional nos anos 1960. Fernando Henrique Cardoso (2013, p. 182) menciona a importância do papel de Florestan para as Ciências Sociais brasileiras ao dizer que:

Haveria muitos outros aspectos a serem ressaltados sobre Florestan Fernandes, mas o fundamental no seu percurso foi a paixão pelo saber; a elaboração da sociologia como ciência; a ciência como parte da sociedade, a sociedade como problema; a definição de métodos e, depois, a elaboração teórica de tudo isso num grande arcabouço que vai além da fotografia estática da sociedade, pois ressalta a dinâmica que permite sua transformação.

Verificamos com estas constatações não apenas a envergadura e o alcance teórico das teses de Florestan Fernandes mas também a sua persistência em tornar aplicáveis os conhecimentos científicos produzidos na academia. Dadas as limitações de espaço para este trabalho tivemos que nos restringir a abordar algumas facetas da produção e do impacto da obra deste importante intelectual brasileiro, havendo,

certamente, muito mais a ser abordado sobre Florestan Fernandes do que os aspectos que aqui apontamos.

Nosso objetivo neste trabalho foi muito mais o de imprimir ao mesmo um caráter de roteiro inicial de leitura e compreensão da trajetória intelectual de Florestan Fernandes e esperamos sinceramente que estas breves linhas despertem o interesse de muitos estudantes para a riqueza da obra e do pensamento de um autêntico intelectual militante que disse certa vez que “Existem várias maneiras de reagir. A omissão é que é injustificável”<sup>8</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Arremate de uma reflexão: A Revolução Burguesa no Brasil de Florestan Fernandes. *Revista USP*, São Paulo, n.29, 1996.
- BLANCO, Alejandro. Karl Mannheim en la formación de la sociología moderna em América Latina, *Estudios Sociológicos*, Colégio del Mexico, v.27, n.80, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O campo científico*. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu* (org.). São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais)
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2007.
- CÂNDIDO, Antônio. A sociologia no Brasil. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v.18, n.01, 2006.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CHACON, Vamireh. *História das ideias sociológicas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo; Ed. da USP, 1977.
- CEPÊDA, Vera Alves. Entre a Economia e a Política – os conceitos de periferia e democracia no desenvolvimentismo de Celso Furtado, *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, v.7, n.19, 2012.
- FERNANDES, Florestan. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- \_\_\_\_\_. *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de Sociologia Teórica*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1970a.
- \_\_\_\_\_. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Pioneira; Edusp, 1970b.

---

<sup>8</sup> Cf. Folha de São Paulo, 24/06/1977.

- \_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. São Paulo: Pioneira, 1976a.
- \_\_\_\_\_. *A Sociologia numa Era de Revolução Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1976b.
- \_\_\_\_\_. *A Condição de Sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- \_\_\_\_\_. Florestan Fernandes, história e histórias: depoimento. [26 de Junho de 1981]. São Paulo: *Museu da Imagem e do Som*. Depoimento concedido a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn. In: COHN, Amélia (org.). *Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. (Série Encontros)
- \_\_\_\_\_. *A Revolução Burguesa no Brasil – Ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. São Paulo: Global, 2009.
- FERNANDES, Florestan & BASTIDE, Roger. *Branco e negro em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- IANNI, Octávio. *Florestan Fernandes*. São Paulo: Ática, 1986. (Grandes Cientistas Sociais)
- \_\_\_\_\_. A sociologia de Florestan Fernandes. *Revista USP*, São Paulo, n.29, 1996.
- LAHUERTA, Milton. Em busca da formação social brasileira: marxismo e vida acadêmica, *Perspectivas*, São Paulo, n.28, 2005.
- LIMA, Marcos Costa. *Uma concepção de mundo em Celso Furtado: ciência e perplexidade*. In: LIMA, Marcos Costa e DAVID, Maurício Dias (orgs.). *A atualidade do Pensamento de Celso Furtado*. São Paulo: Verbena, 2008.
- MARTINS, José de Souza. Vida e História na Sociologia de Florestan Fernandes. *Revista USP*, São Paulo, n.29, 1996.
- MEUCCI, Simone. Os Primeiros Manuais Didáticos de Sociologia no Brasil. *Estudos de Sociologia*, v.6, n.10, pp. 121-158, 2001. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/184/180>>. Acessado em 28/08/2013.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Ática, 1977.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Ensino Antropológico de Florestan Fernandes: recordações de um ex-aluno. *Revista USP*, São Paulo, n.29, 1996.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. *A recepção da sociologia alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.